



Amazônia à luz da geopolítica contemporânea

Bruno de Moraes Silva
Major do Exército Brasileiro.
Atualmente está realizando o CAEM na ECEME.

Renato de Sousa
Major do Exército Brasileiro.
Atualmente está realizando o CAEM na ECEME.

1. Introdução

Para Tuathail e Agnew (1992), geopolítica é uma ciência que nasce e floresce sob a égide dos interesses dos homens de Estado. Ou seja, a geopolítica é uma ciência a serviço do Estado e como tal, ela pode mudar e modificar com o decorrer do tempo.

Com o fim da bipolaridade travada entre os Estados Unidos da América e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, se extinguiram também as rivalidades Leste-Oeste. O término da Guerra Fria sepultou de vez a Ordem Mundial Bipolar e deu espaço para o surgimento de uma Ordem Mundial Unipolar liderada pelos Estados Unidos da América, o que gerou novos interesses do Estado e, por consequência, inspirou o desenvolvimento de novas abordagens geopolíticas a partir da década de 1990.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o conflito Leste-Oeste deu espaço para a relação de dependência Norte-Sul, na medida em que a maior parte do pensamento geopolítico internacional que surgiu após a década de 1990, ficou marcado, preponderantemente, por ideias e conceitos que enfatizavam o protagonismo dos países do hemisfério Norte sobre os países subdesenvolvidos do hemisfério Sul. Diante dessa realidade, os geopolíticos brasileiros começaram a demonstrar grande preocupação com a região amazônica. Esses pensadores, em sua grande maioria, enfatizavam a necessidade de o Estado brasileiro ocupar e integrar, efetivamente, a Amazônia ao território nacional, vez que se trata de área muito rica, pouco explorada e que desperta cobiça internacional.

Para que se tenha uma ideia, o território da região amazônica possui uma área de aproximadamente 7 milhões de km² e envolve 8 países, com destaque para o Brasil, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa. Desse total, cerca de 5 milhões de km² estão situados no Brasil, o que representa cerca de 57,72% do território brasileiro. Como se não bastasse, essa região possui a maior reserva de capital natural, a maior floresta tropical do mundo, a maior bacia hidrográfica do mundo e também possui reservas incalculáveis de minerais.

“Dado seu potencial econômico incalculável, graças a diversidade e abundância da fauna, da flora e dos recursos minerais, a Amazônia é alvo de cobiça por

atores estrangeiros que articulam incessantemente para colocar sob suspeita a capacidade do Brasil em tratar dos assuntos referentes à região, como o desmatamento, as questões indígenas, a exploração dos recursos, entre outros. Diante dos fatos, o país precisa defender sua soberania sobre a Amazônia, visto que, com o crescente aumento populacional e econômico, a demanda por recursos naturais tende a crescer exponencialmente e ser um grande gerador de conflitos no futuro” (FERREIRA, 2021, p.57).

Diante da importância estratégica da Amazônia para o Brasil, este artigo tem por finalidade destacar o papel que ela ocupa no pensamento geopolítico contemporâneo internacional e no pensamento geopolítico nacional. Para tanto, este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente é apresentada a conjuntura geopolítica pós-Guerra Fria e alguns aspectos relacionados à Amazônia. Na sequência, discorre-se sobre o pensamento geopolítico internacional e nacional, com suas respectivas interfaces com a Amazônia. Na parte final, este artigo confronta o pensamento geopolítico internacional contemporâneo com o pensamento geopolítico nacional, tendo como elemento comparativo a Amazônia.

2. O pensamento geopolítico internacional e a interface com a Amazônia

Nesta seção, serão apresentadas as principais teorias geopolíticas que norteiam o pensamento geopolítico internacional contemporâneo e seus respectivos pontos de contato com os interesses do Estado brasileiro na floresta amazônica.

Segundo *Brochard*, em sua teoria dos blocos, o mundo seria dividido em quatro zonas de influência política e militar, sendo que a maior potência de cada bloco criaria uma zona monetária. No caso brasileiro, verifica-se que os Estados Unidos da América seriam o líder do bloco das Américas e o dólar, a moeda circulante. Nessa teoria, o autor afirma que o país líder seria industrializado e os países subdesenvolvidos forneceriam as matérias-primas necessárias para as indústrias daquela potência.

Contextualizando-a ao caso brasileiro, nota-se que a teoria dos blocos defende ideias que ratificam o



domínio da potência do bloco das Américas sobre os demais países desse continente. Ou seja, de acordo com essa teoria, os Estados Unidos da América poderiam requisitar aos brasileiros o envio de matérias-primas existentes na região amazônica e que são necessárias ao seu crescimento, fato que foi explicitado publicamente durante o pronunciamento feito por *Al Gore* em 1991, então Vice-presidente dos Estados Unidos da América naquele ano.

Na teoria dos Limes, idealizada por *Rufin* em 1991, pontua que os países ricos do Norte não precisariam mais ajudar os países pobres do Sul. Segundo *Rufin*, essa postura potencializaria a pobreza dos países do hemisfério sul, o que geraria uma migração em massa da população desses países em direção aos países do Norte. Outro elemento relevante dessa teoria é que, aos mesmos moldes da teoria dos blocos, os países do hemisfério sul seriam fornecedores de matérias-primas aos países industrializados do hemisfério norte, o que suscita a ideia de que as principais potências teriam direito sobre os recursos das nações subdesenvolvidas do sul, pensamento que veio a se tornar público em 1989, por ocasião do pronunciamento de *Françoise Mitterrand*, então Presidente da França naquele ano.

Em 1992, *Lellouche* elaborou a teoria da incerteza. Esse pensamento apontava para uma desordem mundial após o fim da Guerra Fria e que perduraria por três décadas. *Lellouche* entende que, nesse período, os Estados Unidos da América seriam a única potência dominante, mas que esse fato não asseguraria, *per si*, a estabilidade mundial, realidade que veio a se configurar, haja vista a ocorrência de vários pequenos conflitos e distúrbios intraestatais ao redor do globo, a exemplo de distúrbios raciais nos Estados Unidos da América e as revoluções eclodidas nas ex-repúblicas socialistas soviéticas. Para *Lellouche*, a América Latina não era uma área de turbulência e que o Brasil deveria se aproveitar dessa condição para sair da estagnação sozinho ou juntamente com outros países do continente sul-americano. Em suma, pode-se dizer que a teoria da incerteza não apresenta elementos que se contrapõem a soberania brasileira na região amazônica.

Referente a teoria da tríade apresentada pelo Clube de Roma, a globalização seria o meio pelo qual os países ricos do Norte dominariam os países pobres do Sul. Nessa proposta, seriam criados três blocos, sendo que cada um seria dominado por uma potência líder: os Estados Unidos da América seriam os líderes do bloco das Américas, a Alemanha seria a líder do bloco europeu e o Japão seria o líder do bloco asiático. Além dessas considerações, a teoria da tríade ainda aponta que os Estados Unidos da América seriam os líderes supremo, o que suscita um governo único transnacional mundial. Tal teoria ainda previa um cenário prospectivo caracterizado por uma crise mundial nunca vista anteriormente. No entendimento do Clube de Roma, o futuro seria marcado pelo esgotamento de recursos naturais, crise energética, escassez de alimentos, aumento da violência, desemprego em massa e poluição. Ou seja, um cenário de caos, favorecendo ao protecionismo dos países ricos e o liberalismo econômico, por meio

do consenso de Washington, junto aos países subdesenvolvidos, tornando-os endividados. Nessa proposta, o Brasil seria afetado, principalmente as suas Forças Armadas, que estariam forçadas a reduzirem seus efetivos. Com base na teoria *Malthusiana*, haveria o enfraquecimento da população brasileira e, conseqüentemente, de sua defesa, o que facilitaria o acesso do interesse internacional na maior floresta tropical do mundo. Não pelo acaso, em 1983, a Primeira Ministra da Inglaterra - *Margareth Thatcher*, emitiu um pronunciamento direcionado aos países subdesenvolvidos, destacando que os países subdesenvolvidos que não conseguiram pagar suas dívidas externas, que deviam vender suas riquezas, seus territórios e suas fábricas.

A teoria do choque de civilizações, proposta por *Samuel Huntington*, apresenta uma prospecção de que os conflitos ocorridos a partir da década de 1990 seriam causados em decorrência de fricções civilizacionais. Esse pensamento não visualizava a América Latina como pertencente à civilização ocidental. Nessa teoria, os Estados Latino-americanos são percebidos como possíveis causas ou causadores de conflitos. No caso brasileiro, o sistema internacional pode questionar a atuação do Estado Brasileiro na proteção ambiental e, alegando que a floresta amazônica é um bem comum e pertence a todos, tal sistema internacional pode se achar no direito e no dever de intervir na Amazônia, o que justifica a necessidade do Estado Brasileiro em enviar esforços no sentido de resguardar a soberania brasileira em seu território.

Diante dessas considerações, no tocante à Amazônia, nota-se que o pensamento geopolítico contemporâneo internacional se caracteriza por apresentar elementos e ideias que reforçam a relação de domínio dos países do hemisfério norte, diante dos países do hemisfério sul, fato que, por si só, já embasa as iniciativas brasileiras, estatais e/ou privadas, que estejam voltadas para resguardar a soberania brasileira na região amazônica.

3. O pensamento geopolítico nacional e a interface com a Amazônia

Nesta seção, serão apresentados as principais ideias contidas no pensamento geopolítico do General Golbery do Couto e Silva, do General Meira Mattos e da Professora Therezinha de Jesus, com seus respectivos pontos de contato com a Amazônia.

Segundo o General Golbery do Couto e Silva, a principal característica do sistema internacional é a anarquia, uma vez que não visualiza uma autoridade superior que seja capaz de ditar os rumos e comportamentos dos Estados. Essa característica impõe ao Estado brasileiro a realização de um planejamento voltado à Segurança Nacional que expresse a necessidade de elaborar um novo modelo de planejamento estratégico que substitua o empirismo e ações desonestas.

Para o geopolítico brasileiro, o território brasileiro é dividido em cinco ilhas pouco conectadas, sendo a região Sudeste pertencente à ilha coração. Diante dessa realidade, o Estado Brasileiro deve realizar uma efetiva integração nacional, envidando esforços no sentido de unir a ilha coração com as demais ilhas do



Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte. Esse empreendimento deve priorizar a ocupação de espaços vazios com intuito de integrar efetivamente as áreas anecúmenas, iniciando pela integração das ilhas do litoral Nordeste, Sudeste e Sul. Em uma segunda fase, seria ocupada a ilha do Centro-Oeste, a qual estaria materializada pela transferência da capital nacional para o Planalto Central e, por fim, a ilha Norte seria integrada. Com relação à integração da região Norte, esta seria inundada com brasileiros, incorporando-a de fato ao Brasil. Visualiza-se que esse movimento apresenta um efeito dissuasório por representar a presença do Estado brasileiro na Amazônia, que ainda está inconclusa, pois ainda apresenta grandes vazios demográficos que despertam a cobiça internacional, o que aponta para uma necessidade de o Estado brasileiro continuar com seus esforços voltados para resguardar a soberania brasileira nessa região.

Passando para o pensamento geopolítico do General Meira Mattos, nota-se que o pensador enfatiza a necessidade de os países amazônicos se unirem em prol da defesa e da soberania de seus países na região. Pode-se dizer que o General Meira Mattos foi o precursor daquilo que hoje é a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), pois o pensamento dele ficou marcado por defender a elaboração de iniciativas e empreendimentos direcionados para a construção de pólos de desenvolvimento transnacionais nas zonas de fronteira da Pan-Amazônia (FERREIRA, 2021).

Segundo Meira Mattos, esses pólos de desenvolvimento integrariam o imenso espaço amazônico (nacional e internacional) e potencializariam a cooperação econômica entre as diferentes nacionalidades dessa macrorregião. Na Amazônia brasileira, teriam três pólos de desenvolvimento: 1) Boa Vista (Brasil) - Lethen (Guiana) - Santa Helena (Venezuela); 2) Tabatinga (Brasil) - Letícia (Colômbia) - Ramon Castilla (Peru); e 3) Porto Velho e Rio Branco (Brasil) - Riberalta e Cobija (Bolívia). Em decorrência do desenvolvimento desses pólos e do aumento da cobiça internacional sobre a região amazônica, anos depois os países amazônicos realizaram medidas políticas voltadas para a proteção e integridade da floresta amazônica. Uma dessas medidas, foi a criação da Organização do Tratado de Cooperação Amazônico (OTCA).

Ainda, segundo General Meira Mattos, o tempo amazônico exige uma capacidade nacional de resposta aos estímulos continentais e uma estratégia integradora que privilegie a utilização de modernas tecnologias para o aproveitamento e otimização dos múltiplos recursos existentes.

No que concerne ao pensamento de Therezinha de Castro, o fim da Guerra Fria deu espaço para o surgimento do neocolonialismo econômico, que foi a forma encontrada pelos países do hemisfério Norte em dominar os países do hemisfério Sul. Em suma, para manter seu desenvolvimento, os países industrializados do Norte precisariam do fornecimento de matérias-primas dos países subdesenvolvidos do Sul (CASTRO, 1992).

Devido às suas riquezas incalculáveis, a hileia Amazônica torna-se extremamente atrativa para os

países do hemisfério Norte, fazendo-a ainda mais importante e estratégica para o Brasil. Com uma narrativa de proteção às populações indígenas e proteção à floresta amazônica, o sistema internacional busca relativizar a soberania brasileira na Amazônia, alegando que o país não consegue proteger o meio ambiente e as populações desfavorecidas. Conforme Therezinha de Castro, a região amazônica requer atenção e estratégia adequada para superar os óbices da pouca integração com a parte do território nacional onde se concentra a maior parte do Poder Nacional.

Diante dessas considerações, no tocante à Amazônia, conclui-se que o pensamento geopolítico nacional se caracteriza por apresentar elementos e ideias que reforçam a necessidade de o Estado brasileiro envidar esforços no sentido de integrar a região amazônica aos demais centros de poder e desenvolvimento do país. Destaque a parte deve ser dado a Meira Mattos, que lançou as bases para a cooperação interestatal voltada à proteção do meio ambiente e da soberania na Amazônia.

4. Considerações Finais

Na fase final, este artigo aponta que a Amazônia ocupa um papel importante no pensamento geopolítico internacional e se consubstancia em elemento central para o pensamento geopolítico nacional contemporâneo.

Com relação ao pensamento geopolítico internacional, nota-se que a queda do muro de Berlim e o conseqüente rearranjo na Ordem Mundial, proporcionou um cenário favorável para o lançamento de novas ideias, que estavam alinhadas aos interesses dos Estados ditos desenvolvidos. Conforme descrito ao longo do artigo, a maior parte dos geopolíticos internacionais contemporâneos entende que a disputa Leste-Oeste deu lugar a dependência Norte-Sul, onde os países do hemisfério Sul seriam fornecedores de matérias-primas para fomentar o desenvolvimento dos países do hemisfério Norte.

Contextualizando esse pensamento com o caso brasileiro, mais especificamente a Amazônia, resta claro que a floresta amazônica desperta grande cobiça internacional por tudo que representa e por tudo que está contido naquela região (reservas descobertas e reservas não descobertas). Diante disso, é imperioso que o Estado Brasileiro, com todas as expressões do poder nacional, envide esforços no sentido de resguardar a soberania brasileira na região.

No tocante ao pensamento geopolítico nacional, preocupados com as ideias geopolíticas internacionais propagadas após a queda do muro de Berlim, os autores brasileiros enfatizaram a necessidade de realizar uma efetiva integração da região amazônica aos principais pólos de poder e desenvolvimento do país. Tal fato se torna ainda mais importante, devido a existência de grandes anecúmenos populacionais na Amazônia brasileira. Cumpre destacar as bases lançadas por Meira Mattos no sentido de promover uma cooperação interestatal entre os países amazônicos para proteger o meio ambiente e resguardar a soberania desses países, iniciativa que redundou na criação da OTCA.



Por fim, ao confrontar as ideias do pensamento geopolítico contemporâneo que possuem uma interface com a Amazônia brasileira, com o pensamento geopolítico nacional, chega-se à conclusão de que o Estado brasileiro deve envidar esforços, com todas as expressões do poder nacional,

para garantir a efetiva soberania brasileira naquela região. Não basta apenas atuar com o poder militar, é necessário que o país também empregue o poder econômico, psicossocial, político, a ciência e tecnologia.

Rio de Janeiro - RJ, 22 de setembro de 2023.

Como citar este documento:

Silva, Bruno de Moraes; Sousa, Renato de. Amazônia à luz da geopolítica contemporânea. **Observatório Militar da Praia Vermelha**. ECEME: Rio de Janeiro. 2023.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Exército Brasileiro. **Força Tarefa Componente**. Brasília: Exército Brasileiro, 2019.

CASTRO, Terezinha de. **Amazônia - Geopolítica do confronto e Geoestratégia da integração**. A Defesa Nacional, nº 755, p.68-82, 1992.

FERREIRA, Alexandre da Silva. **Amazônia: um paralelo entre o pensamento geopolítico de Meira Mattos e as atuais políticas públicas para a região**. Trabalho de Conclusão de Curso na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2021. Rio de Janeiro: ECEME, 2021.

Ó TUATHAIL, G.; AGNEW, J. **Geopolitics and discourse: Practical Geopolitical Reasoning in American Foreign Policy**. Political Geography, Vol. 11, nº 2, p. 190-204, 1992.